

PROCURA-SE UM VICE

22 JUL 1997

CORREIO BRAZILIENSE

DF - Eleição
019
Reportagem 0064

Alexandre Botão e Lauro Aires
Da equipe do **Correio**

O governador Cristovam Buarque apertou de todos os lados: escancarou seu apoio para eleger o aliado Chico Vigilante (deputado federal) à presidência regional do PT, ensaiou a convocação de prévias muito antes da hora para que o partido apoiasse sua candidatura à reeleição e acabou consolidando, na marra, seu nome como o candidato da Frente Brasília Popular ao Governo do Distrito Federal (GDF) em 1998. Selou essa vitória no último domingo, anunciando que “está à disposição do partido” para a reeleição.

A briga agora é pelo lugar de Arlete. De nada adianta perguntar à vice-governadora Arlete Sampaio se ela vai ou não compor com Cristovam a chapa do PT no caso de uma candidatura à reeleição em 1998. Simples-

Edson Gês



O governador Cristovam Buarque: à disposição do PT para disputar eleições em 1998, mas Frente Popular ainda não tem nome para chapa

mente porque ela não sabe se quer.

Em conversa com o **Correio Braziliense**, há duas semanas, Arlete chegou a dizer que se fosse concorrer a alguma coisa, seria a um cargo no Executivo, nunca no Legislativo: “Sou uma executiva”, disse.

Depois da vitória de Chico Vigilante na disputa da presidência do PT, no entanto, mudou o discurso da vi-

ce-governadora, que apoiava a candidata derrotada, a deputada federal Maria Laura. Arlete já não se sente mais tão motivada a ser vice de Cristovam em mais uma campanha e confidenciou a alguns amigos que pode sair para disputar um lugar na Câmara Federal. A candidatura dela ao Legislativo viria na carona dos grandes benefícios eleitorais que co-

lheu ao coordenar o Orçamento Participativo nestes três anos.

NA FILA

Sem Arlete, o que não vai faltar é gente querendo o lugar de candidato a vice, ao lado de Cristovam no palanque. “O mais natural é que, se houver a disposição da reeleição, a chapa completa seja reeleita (com

Arlete)”, disse ontem o secretário de governo, Swedenberger Barbosa. “Entretanto os partidos devem discutir isso mais adiante”, reconheceu o secretário pela primeira vez. E olha que Swedenberger Barbosa é um dos grandes aliados de Arlete Sampaio no Palácio do Buriti.

Se a vice-governadora realmente arriscar uma carreira solo, os partidos

da Frente Brasília Popular vão se engalfinhar pelo cargo abaixo de Cristovam. O nome mais ventilado até então é o do atual Secretário de Turismo, Rodrigo Rollemberg (PSB). Ele está de férias e não foi localizado ontem para falar sobre a possibilidade, mas já havia dito ao jornal que “aceitaria o chamado do governador”. O PDT, que agora ostenta o nome do ex-secretário da Receita Federal, Osiris Lopes Filho, também está na fila: Osiris é virtual candidato ao Senado, mas o partido pode se engraçar e querer emplacá-lo como candidato a vice-governador, na falta de um nome de peso.

E até o deputado federal Augusto Carvalho (PPS) é outro que pode embarcar na chapa como vice. Ele jura de pés juntos que não — “Minha candidatura é para o governador”, assegura —, mas Augusto pode adiar esse sonho e se aliar a Cristovam agora. Por um motivo simples: se Cristovam ganhar as eleições em 1998, o vice-governador eleito certamente será candidato ao governo em 2002.

PRESSA

Duro vai ser convencer o PT a abrir mão do cargo de vice. “Que era um cargo que ninguém queria nas últimas eleições”, ironizou o deputado federal Chico Vigilante, para em seguida recorrer ao jargão futebolístico, que mostra como será difícil fazer o partido ceder: “Em time que está ganhando não se mexe”.

Se eles vão mexer no time, ainda não se sabe, mas certo mesmo é que essa definição não demora: “Não temos que ter pressa, mas não podemos também ter uma inércia, enquanto nossos adversários já estão agindo. E agindo nos bastidores”, justificou Swedenberger Barbosa.